



# EDITORIAL

**GEORGE MASCARENHAS  
IVANI SANTANA**



## LABIRINTE-SE!

**NÃO ESPERES QUE O RIGOR DO TEU CAMINHO  
QUE FATALMENTE SE BIFURCA EM OUTRO  
QUE FATALMENTE SE BIFURCA EM OUTRO  
TERÁ FIM.**

**Jorge Luis Borges**

**LABIRINTOS SÃO REDES** de caminhos emaranhados nos quais o jogo consiste em se perder e encontrar a saída. Imagem de tempos imemoriais, labirintos são encontrados nas mais diversas culturas, configurados como gravuras, estruturas arquitetônicas e videogames, renovando, de algum modo, a jornada arquetípica do herói, para lembrar Joseph Campbell.

Como imagem referencial, o labirinto propõe percursos individuais, ao mesmo tempo em que sugere saídas possíveis.

Na Antiguidade, os labirintos serviam como armadilhas para afastar maus espíritos ou como caminhos para danças rituais. Ao longo do tempo, a dimensão do caminho individual reconfigurou a ideia de labirintos para um propósito subjetivo, contemplativo: o labirinto é o caminho do autoconhecimento.

Para Jung<sup>1</sup> (1988, p. 125, tradução nossa),

Em todas as culturas, o labirinto tem o significado de emaranhamento e representação confusa do mundo da consciência matriarcal; ele pode ser atravessado somente por aqueles que estão prontos para uma iniciação especial no misterioso mundo do inconsciente coletivo.

No processo de individuação, o labirinto é, para Jung, imagem primordial do inconsciente, que se manifesta na “forma da fantasia de uma descida ao mundo subterrâneo”.

O labirinto é um lugar de batalha contra o monstro, como o Minotauro, na mitologia grega, ou contra os Kauravas, na mitologia hindu, mas também representa uma jornada em busca desse autoconhecimento, da iluminação.

É, assim, com um espírito labiríntico que se configura esse número da *Revista Repertório*, espelhando a rede de caminhos do conhecimento nas artes cênicas nestes tempos de grandes desafios individuais e coletivos. Nos artigos que se seguem, portas de acesso distintos nos levam contemplativamente a olhar para o tempo, desde a perspectiva histórica, com perfil de artistas cujos percursos marcantes trazem seus ecos até nós, passando pelo olhar filosófico sobre as características do tempo cênico – daquele espectador mergulhado no pacto artístico – até, por exemplo, novas formas do ensino e da prática artística, na dramaturgia contemporânea, nas experiências performativas ou em diálogo com as novas tecnologias.

**1** JUNG, Carl. G. *Man and his symbols*. New York: Anchor Press, 1988.

Nesse labirinto, há múltiplas portas de entrada e o fio se constrói e se desconstrói, à medida em que o seu caminho for percorrido. Neste número, a *Repertório* reafirma o desejo de acesso ao conhecimento pluriversal, mergulhado nas demandas do tempo, no valoroso trabalho de artistas e pesquisadores(as) que se dedicam a mergulhar nos sabores e dissabores do fazer artístico. Nessa leitura, nosso convite é apenas esse: labirinte-se!